

Banco de fomento CAF oferece apoio logístico e financeiro a países na COP¹

André Miranda²

Letícia Lopes³

Luciana Rodrigues⁴

O Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF, que antes se chamava Comissão Andina de Fomento) vai garantir apoio financeiro e logístico aos países da região com dificuldades para enviar representantes à COP30, que acontece em Belém em menos de dois meses.

Presidente-executivo do banco de fomento, Sergio Díaz-Granados afirmou nesta entrevista que já avisou ao Itamaraty que o CAF apoiará os países latinos, sobretudo os caribenhos, “entre os países mais prejudicados pelas mudanças climáticas”.

Díaz-Granados argumenta que o evento de Belém tem que ficar registrado como a “COP da América Latina”. E afirma que os problemas de custo de hospedagem não devem ser impeditivos para isso. O colombiano cita um evento que vai acontecer no seu país natal, que sediará uma cúpula de chefes de Estado da América Latina e da Europa neste ano na pequena cidade de Santa Marta, como exemplo de que dificuldades podem surgir para todos.

Ele vê as mudanças climáticas e a revolução tecnológica atual, impulsionada pela inteligência artificial (IA), como a “última oportunidade” para a América Latina superar a pobreza e a desigualdade, após o que chama de “século XX perdido”.

“Temos minerais necessários e podemos produzir ainda mais energia limpa, que é a base da transição digital. A América Latina precisa jogar bem as cartas nesta quarta revolução tecnológica e não perder novamente esse trem. Estamos muito atrasados”, afirma.

Estamos promovendo projetos inovadores como o swap de dívida por natureza, trocando dívida por compromissos ambientais”

O CAF tem US\$ 34,7 bilhões em sua carteira de investimentos e 23 países associados, sendo 21 da América Latina e mais Espanha e Portugal.

O CAF foi criado para fomentar o investimento e o comércio inicialmente na região

¹ Entrevista publicada pelo Valor Econômico. Disponível em:

https://valor.globo.com/brasil/cop30-amazonia/noticia/2025/09/05/banco-de-fomento-caf-oferece-apoio-logistico-e-financeiro-a-paises-na-cop_ghtml Acessado em 05.09.2025

² Jornalista do O Globo

³ Jornalista do O Globo

⁴ Jornalista do O Globo

andina e depois em toda a América Latina. Agora tem voltado sua atuação para parceiros de fora do continente, como a Índia. Qual é a estratégia?

Sergio Díaz-Granados: Além de fornecer financiamento pontual aos países, o que fazemos e continuaremos fazendo é apresentar a América Latina como uma “região-solução”.

Nossa grande preocupação é que a América Latina se torne irrelevante, ou seja, que no contexto das discussões globais a região perca peso nas soluções. E o banco, como instituição com quase 60 anos de trabalho, não quer apenas servir os países individualmente, mas a região como um todo.

Esse é um momento em que, com a reconfiguração da geoeconomia e da geopolítica, a relevância da América Latina e do Caribe se torna ainda mais necessária. Por isso, pensamos, nos últimos dois anos, em como incrementar mais a conversa dentro da América Latina e do Caribe, como o financiamento de infraestrutura transfronteiriça, de projetos de energia que sejam mais amplos, cobrindo a região.

Por exemplo, a interconexão elétrica entre Colômbia e Panamá é um projeto bastante avançado, que vai conectar a América do Sul à América Central pela primeira vez na história. Esse é o nível de importância que damos a esse tipo de projeto.

Será realizado no ano que vem nosso segundo fórum, em um local estratégico, que é o Panamá. Queremos fomentar o intercâmbio entre países da região e com outras regiões do mundo, abrir rodadas de negócios para Índia, Oriente Médio, Europa, assim como para empresas americanas que queiram comprar produtos latino-americanos. Ou seja, queremos aproveitar e consolidar a posição do Panamá como conector.

No primeiro fórum no Panamá, este ano, esteve presente o presidente do Paraguai, entre outros líderes, e estamos certos de que esta segunda edição, com a presença do Brasil e a abertura pelo presidente Lula, dará dimensão e trajetória que esperamos.

Em meio a esse contexto político tão forte, se preocupam de que o fórum acabe indo para outro ponto?

Díaz-Granados: Sim. Mas, independentemente da conjuntura, a América Latina não pode avançar sem uma comunidade entre seus líderes e o setor privado. Precisamos provocar mais alianças público-privadas.

Esta é a nossa preocupação no CAF. Queremos ver os líderes buscando soluções. A região tem capacidade suficiente, riqueza, tecnologia, recursos humanos. Obviamente vai haver ruídos, mensagens de algum líder ou alguma ação unilateral. Sempre vamos ter ar quente, porque isso é a política, mas precisamos não perder o rumo. O que nos interessa é a prosperidade da região. Vamos nos afastar do ruído da política para nos concentrar nas soluções para a América Latina e o Caribe.

Como será a participação do CAF na COP?

Díaz-Granados: O CAF está comprometido em garantir que todos os países da região participem, incluindo as pequenas ilhas do Caribe. O banco fornecerá apoio financeiro e logístico para que nenhum país fique de fora. Serão 23 membros confirmados, com mais quatro em processo de adesão, totalizando 27 dos 33 países da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac). Queremos assegurar que todos estejam presentes em Belém.

Não podemos nos dar ao luxo de que as ilhas do Caribe, dos mais prejudicados pelas mudanças climáticas, não participem. Vamos garantir isso e colaborar para que todas estejam na conferência. Elas têm que dar seu testemunho aos demais negociadores.

A CAF manterá equipe dedicada no evento, do dia 5 ao 23 de novembro, garantindo presença e participação de todos. O foco será prosperidade da região, soluções

concretas e integração com o mundo, independentemente de ruídos políticos.

O objetivo final é assegurar que América Latina e Caribe aproveitem plenamente as oportunidades da COP, da transição digital, energética e ambiental, atraindo investimento privado, fortalecendo infraestrutura, tecnologia e conhecimento, para reduzir desigualdades históricas e posicionar a região como relevante no cenário global.

Também estão atentos à questão da tecnologia, da IA? A América Latina tem grande disponibilidade de energia para data centers. Como veem o financiamento para o desenvolvimento tecnológico da região?

Díaz-Granados: A grande pergunta é: o que fazemos para não perder essa oportunidade para a América Latina? Há um relatório recente do Banco Mundial que diz que os anos 1980 não foram uma década perdida, mas sim que o século XX inteiro foi perdido para a América Latina. Não conseguimos aproveitar 100% dos benefícios tecnológicos para resolver os problemas de pobreza e desigualdade na região.

A pergunta central da discussão que temos este ano no Panamá é como recuperar a trajetória de crescimento, como aumentar os fluxos de investimento para cá, sobretudo para enfrentar a transição digital.

Sabemos que temos minerais necessários e podemos produzir ainda mais energia limpa, que é a base da transição digital. A América Latina precisa jogar bem as cartas nesta quarta revolução e não perder novamente esse trem. Ainda não atingimos o pleno potencial de nossa capacidade de produzir energia limpa. E estamos muito atrasados. Ainda estamos debatendo sobre velocidade da internet enquanto a revolução está passando por cima de nós.

Falta liderança em biotecnologia, energia limpa e digitalização. O continente precisa aproveitar sua biodiversidade e recursos naturais para liderar a quarta revolução industrial, aumentando investimento privado e público.

O fórum busca criar alianças público-privadas, transformar recomendações em ação concreta e superar barreiras políticas e logísticas. Queremos que ministros, setor privado e governos encontrem soluções reais para América Latina e Caribe.

Quanto à participação do Brasil em investimentos do CAF hoje?

Díaz-Granados: Nos últimos quatro anos, foram aprovados cerca de US\$ 10 bilhões em projetos no Brasil, o que representa 10% da carteira total do banco. O país é atualmente o quarto maior receptor de financiamento do CAF, atrás da Argentina, do Equador e da Colômbia.

O banco mantém uma carteira ativa e diversificada no Brasil, trabalhando com bancos de desenvolvimento como o BNDES e o Banco de Desenvolvimento do Sul (BRDE), além do sistema financeiro local, provendo financiamento para pequenas e médias empresas. Quase metade da carteira é direcionada ao fortalecimento de linhas de financiamento para o setor privado no Brasil.

Um percentual significativo vai para cidades, cerca de 20%, e 40% da carteira vai para créditos estruturados, setor privado e fundos de investimento. O Brasil é um dos parceiros mais ativos da cooperativa, contribuindo também para o tamanho do banco.

E como é a cooperação com outros organismos multilaterais?

Díaz-Granados: Hoje há mais de 500 bancos de desenvolvimento no mundo, mas mesmo juntos só cobrem 15% das necessidades de financiamento. Só para projetos em andamento na América Latina, precisamos de US\$ 1 trilhão.

Temos que mobilizar mais. Temos feito financiamentos conjuntos com outros bancos em linhas de metrô, rodovias, portos, aeroportos. Tivemos reunião com Fundo Financeiro

para Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata) e falamos com BID e Banco Mundial para enfrentar a insegurança crônica - violência, crime organizado - tema que antes não recebia foco dos bancos de desenvolvimento.

Creio que nos próximos anos veremos um trabalho cada vez maior em conjunto com os bancos. No curto prazo, estamos promovendo projetos inovadores como o swap de dívida por natureza, trocando dívida por compromissos ambientais em um grupo de países do Caribe e da América do Sul.

Como isso vai funcionar?

Díaz-Granados: É um projeto que já fizemos individualmente, mas nunca vários bancos para um grupo mais amplo de países. É uma inovação. Estamos - CAF, BID, Banco Mundial e o Banco de Desenvolvimento do Caribe (BDC) - estruturando um veículo para trocar dívida por compromissos ambientais.